

Neoliberalismo, resistência popular e saúde mental*

James Petras **

Resumo:

As exigências e inseguranças do mercado de trabalho têm provocado a perda da auto-estima do trabalhador, o que se manifesta sob formas variadas de comportamento violento ou apatia. Por outro lado, experiências de movimentos de desempregados e de auxílio mútuo comunitário têm se mostrado um mecanismo social capaz de recuperar essa auto-estima.

Introdução

O brutal dano sócio-econômico da aplicação e implementação de políticas neoliberais é claro em todo o mundo. Milhões de trabalhadores têm perdido seus empregos e os patrões ganho o controle quase total sobre o ambiente de trabalho, elevando as taxas de exploração; dezenas de milhões de camponeses e pequenos proprietários têm perdido suas terras, a renda tem declinado e a pobreza aumentado enquanto o ganho dos altos executivos das principais corporações decuplicaram-se.

O que não tem recebido a devida atenção é o dano psico-social infligido aos trabalhadores assalariados e tarefeiros, o que, muitas vezes, é tão sério quanto às perdas materiais. Entrevistas, testemunhos e visitas às comunidades revelam patologias resultantes do desemprego, da insegurança e do trabalho degradante: elevadas taxas de depressão crônica, desagregação da família, suicídio, violência em família, abuso de crianças, comportamento anti-social, particularmente quando o desempregado está isolado e incapaz de exteriorizar a hostilidade e a raiva através de ação social coletiva. A impotência política e social do indivíduo se expressa na falta de auto-estima, impotência sexual e na internalização da raiva, levando a comportamento auto-destrutivo. Minha hipótese é que a organização e a ação coletivas, sob a

* Traduzido por Jair Pinheiro e Lúcio Flávio de Almeida, membros do NEILS.

** Departamento de Sociologia da State University of New York, Binghamton.

forma de movimento de desempregados e as organizações sociais comunitárias que constroem as demandas coletivas têm um efeito positivo não apenas na criação de oportunidade, mas também, como terapêutica. Lutas coletivas elevam a auto-estima e a eficácia pessoal na medida em que criam solidariedade e fornece uma perspectiva social, reduzindo assim a anomia.

Método

A melhor maneira de examinar a relação entre fenômeno macro político-econômico e comportamento micro-social e psicológico é através da abordagem dialética. Visto que decisões macro-econômicas de banqueiros e executivos afetam o emprego e, como consequência, o desemprego, assim como a psique individual; ocorre também o caso de as reações individuais, quer depressão individual quer juntando-se a um movimento social, podem ter significativo efeito macro-econômico sob a forma de ocupação de fábrica ou mudança das relações e formas de propriedade.

Franz Fanon, em sua obra clássica *The Wretched of the Earth*, pontuou os profundos e negativos efeitos que a opressão política e econômica tem sobre povos e indivíduos colonizados, quando estes estão atomizados. Estudos recentes têm demonstrado que o desemprego prolongado leva os trabalhadores ao desânimo e à relutância em registrarem-se como desempregados. Conseqüentemente, as estatísticas de desemprego oficiais distorcem seriamente e subestima a taxa de desemprego por deixarem de contar os trabalhadores que, de tão deprimidos, deixam de registrarem-se na secretaria de desemprego. Essa subestimação provocada pela piora do desemprego de longo prazo e seus efeitos psicológicos perversos permitem aos publicistas da classe dominante propagandear sobre a melhoria econômica, citando o suposto declínio do desemprego.

A lógica dialética opera do nível macro ao médio e micro da estrutura político-econômica, da organização social à psique individual. As grandes decisões (macro) são tomadas pelo capital internacional, pelos patrões dominantes locais e pela claqué política que serve como correia de transmissão. Essas decisões refletem a correlação e as relações de força entre as classes e os Estados-nação; no contexto atual da América Latina, entre o imperialismo dos Estados Unidos e seus regimes clientes.

As decisões de elite têm impacto sobre as organizações sociais, as relações de classe entre trabalhadores e capitalistas e a vida social das classes trabalhadoras e assalariadas (família, bairros etc.). As organizações sociais medeiam entre a classe dominante e o indivíduo, reforçando o impacto

negativo, aperfeiçoando os efeitos ou oferecendo formas de resistência social coletiva. Pela via dialética, a reação individual (ou o fracasso no agir) através da organização social pode confrontar e, em circunstâncias excepcionais, reverter parcial ou totalmente as decisões macro-econômicas e a predominância da elite.

O decisivo é que a saúde mental não é uma condição inata ou embutida nas experiências infantis tanto quanto é determinada pelas relações sociais contemporâneas de poder. Isto sugere que os que sofrem de doença mental, por exemplo, depressão induzida pelo desemprego, insegurança no trabalho ou declínio no padrão de vida, pode reduzir seu sofrimento por meio da re-socialização adulta (adquirindo consciência/conhecimento de classe), quer sob a forma de organização coletiva ou da ação de classe.

Os problemas sócio-econômicos induzidos pelo neoliberalismo que têm conseqüências para a saúde mental

Nossa vida é organizada pelo trabalho. Nossa rotina diária, recreação, padrão de vida, estilo de vida pessoal e a vida da família dependem do nosso emprego. A perda do emprego, desencadeada pelos empregadores, a vida vazia da disciplina diária e o bolso vazio (ou a conta bancária), deixam o indivíduo com acúmulo dívidas e sentimento de pânico. Atualmente, o empregadores usam táticas de choque: demitem repentinamente sem aviso prévio, o que impede o protesto ou a organização coletivos, isolando ainda mais a vítima. Se o ataque for precedido por um sentimento de insegurança ou medo do desemprego, o trabalhador ou empregado pode, de imediato, ter um sentimento de alívio porque a tensão entre trabalho e a falta dele foi resolvida, embora desfavoravelmente. O alívio inicial, entretanto, é substituído pela depressão quando o desempregado vai ao mercado de trabalho e descobre não haver novo emprego. As solicitações de trabalho são rejeitadas. Rejeições repetidas leva à depressão, especialmente quando a condição de desemprego é experimentada como fracasso pessoal, i. e., quando o indivíduo é culpado pelos patrões e economistas por não ter atributos pessoais adequados. Dizem que tem habilidades inadequadas, é velho demais, muito jovem, não reside na região certa etc. Quando o desempregado percebe, entretanto, que a mesma condição afeta outros milhões e que aqueles que o responsabilizam são a classe dominante e a claqué política e que há meio de exteriorizar a raiva através da ação social, ele se torna menos suscetível a sofrer os piores efeitos da depressão.

O segundo problema induzido pelo neoliberalismo é a redução da renda e do padrão de vida. Trabalhadores demitidos procuram trabalhos que pagam menos ou usam suas poupanças e, em muitos casos, caem abaixo da

linha da pobreza. A perda de status, o medo e a insegurança em face da incapacidade de pagar contas de luz, água e a hipoteca da casa criam uma profunda e contínua ansiedade e a perda do auto-respeito. Em alguns casos, especialmente entre empregados de escritório, mantém-se a fachada de respeitabilidade mesmo após o desaparecimento da base material. Nos parques encontra-se, freqüentemente, desempregados profissionais de paletó e gravata sentados em bancos lendo os classificados. A tentativa desesperada de manter as aparências em face da mobilidade descendente tem levado a comportamento esquizofrênico: vive-se como proletário mas recusa-se a reconhecer a realidade, pretendendo ser classe média.

A perda do emprego ou a baixa remuneração leva ao colapso de um modo de vida, ao declínio da vida social, a evitar os amigos (ou ser evitado por eles), à intensificação dos conflitos internos à família e à sensação de isolamento e impotência.

As crises econômicas do neoliberalismo, particularmente o crescimento do desemprego e os baixos salários, e a insegurança no trabalho têm múltiplos efeitos que se espraiam para além das condições materiais de vida e afetam muito o ser social e a maioria das relações íntimas dos indivíduos envolvidos.

Os efeitos psico-sociais

A totalidade da personalidade é adversamente afetada pelo colapso do neoliberalismo, mas as expressões comportamentais variam de pessoa para pessoa e, mais importante, de contexto para contexto. A reação inicial mais comum é o choque profundo e, em seguida, a depressão, em muitos casos acompanhada por uma raiva difusa que, se o indivíduo possui consciência de classe, é dirigida aos patrões ou políticos tradicionais. Para os que depositam confiança nos empregadores, freqüentemente há o ódio de si mesmo ou a auto-culpabilização. Eles aceitam as explicações dos patrões de fracasso individual.

Nestas circunstâncias, há a tendência a recolher-se ao isolamento, sentimento de vergonha e predomina a falta de auto-estima. Isto acentua o declínio da libido, a insônia, a perda do desejo sexual e a incapacidade para reagir ou para mostrar afetividade. A hostilidade reprimida é deslocada dos de cima para os de baixo: esposa/marido, crianças ou amigos próximos. Em contraste, onde o trabalhador vitimizado socializa seu descontentamento privado com o desemprego e o converte em problema público, eles são mais aptos à exteriorização da hostilidade e a reunir-se em movimentos sociais, que canaliza a agressividade em direção aos empregadores e ao Estado. Se,

entretanto, não há movimento progressista, a hostilidade exteriorizada pode ser dirigida pelos grupos de elite contra outros trabalhadores ou grupos marginais (minorias raciais, mulheres, imigrantes etc.).

Patologias extremas

Em circunstâncias extremas, a internalização dos problemas sociais, ou auto-culpabilização, pode levar a tendências suicidas, comportamento auto-destrutivo (embriaguez ou uso de droga), comportamento homicida ou paranóia clínica. No contexto político, a vergonha de si mesmo reforça um complexo de inferioridade e pode levar a aderir à elite de poder que inflige os tormentos e ao desenvolvimento de uma personalidade fascista que está na base do poder e a porta de entrada dos sem-poder, recrutas prontos para as tropas de choque de direita.

Saúde mental e militância político-social

Embora algum grau de distúrbio mental seja quase inevitável com as crises econômicas e a perda do emprego, o grau e a duração podem ser contra-atacados por meio das propriedades curativas da ação e organização político-social de massa.

O choque, efeito das demissões de fábricas e escritórios, podem forçar trabalhadores e empregados a perceberem a natureza arbitrária e exploradora do poder das corporações. A demissão destrói a falsa percepção de lealdade e obrigações mútuas entre capital e trabalho e revela, em toda sua brutalidade, a natureza real das relações capitalistas: lucro sobre os meios de vida, a família e o trabalhador individual. Por um momento o trabalhador/empregado vitimizado é forçado a conceder que a concepção marxista de interesses antagônicos entre capital e trabalho expressa sua situação pessoal. O trabalhador/empregado percebe que após anos de labuta, pontualidade, lealdade, produtividade; ele é dispensável, um nada, como um preservativo descartado.

A saúde mental dos trabalhadores desempregados depende do grau de solidariedade social que eles encontrarem após deixarem o local de trabalho. Entre a demissão pelo empregador e as organizações sociais dos trabalhadores vitimizados medeiam as relações do indivíduo com sua situação social e têm um importante efeito sobre a saúde mental.

Os movimentos sociais, particularmente as assembleias populares e os movimentos de trabalhadores desempregados fornecem um quadro de referência para a transformação dos problemas individuais privados em

reação social coletiva. Eles exteriorizam as hostilidade em direção ao sistema econômico e aos chefes políticos. As assembleias constituem um fórum onde os indivíduos podem se pronunciar e expressar suas idéias e sentimentos e ouvir e aprender com outros na mesma situação social. Manifestações em torno de demandas programáticas fornecem direção e sentido, ajudam a superar o sentimento de impotência, isolamento e anomia.

A ação coletiva é uma forma de terapia social, não no consultório de um profissional pago, mas na rua com o povo partilhando as mesmas condições no mundo real, com seus perigos (de repressão) e suas potencialidades (de mudanças sociais). A ação social envolve organização, participação, compromisso individual, debate que eleva a auto-estima porque utiliza as habilidades e o conhecimento do desempregado. A realização de mudanças, reformas por meio da ação coletiva, quer sob a forma de obras públicas financiadas pelo Estado ou empreendimentos econômicos de base comunitária propicia esperança para o futuro e ganhos imediatos.

Neste contexto, a catástrofe econômica se torna um aprendizado pela experiência de solidariedade prática ao invés da competição individual, igualdade social em lugar da distinção individual.

Quando os movimentos sociais de desempregados ou as assembleias populares são organizadas, baseiam-se em família e redes comunitárias. Ao invés de a família tornar-se um terreno de conflito, torna-se uma base de apoio social onde os parceiros partilham as tarefas domésticas e valores sociais comuns. Os laços de vizinhança organizam projetos de auto-ajuda enquanto mobiliza para a mudança do sistema maior.

As novas relações sociais criadas pela solidariedade de classe e os vínculos sociais reduzem a alienação incorporada nas relações hierárquicas das corporações e do Estado. A integração social em movimentos coletivos reduz o comportamento anti-social e a propensão ao crime, não obstante persistir o comportamento criminoso.

Os sentimentos de solidariedade na família fortalecem os laços íntimos e a afetividade pessoal. Exteriorizar os conflitos eleva a estima e o desejo sexual.

Os movimentos e a ação social não podem ajudar os indivíduos que sofrem de patologias extremas, ou aumentar a auto-estima das vítimas que continuam abraçadas aos seus atormentadores. A ação social também não resolve os problemas econômicos fundamentais que geram os problemas de saúde mental. Mas está um passo à frente na direção certa para uma nova personalidade com maior sensibilidade e solidariedade social. Como diz o movimento de desempregados: “mexeu com um, mexeu com todos”.